

VIOLÊNCIA, MAL-ESTAR E PATRIARCALISMO: NOTAS COM BASE EM UMA LEITURA DE LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR

*VIOLENCE, MALAISE AND PATRIARCHALISM: NOTES
BASED ON A READING OF LAVOURA ARCAICA, BY
RADUAN NASSAR*

Hiago Nunes Ferreira

Graduando em psicologia no Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5753222168836509>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1662-5195>

E-mail: hiago.nunes@aluno.ufr.edu.br

Nivaldo Alexandre de Freitas

Doutor em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7697583593525598>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9900-4041>

E-mail: nivafreitas@gmail.com

Resumo: *Este estudo analisa a formação do indivíduo a partir das mediações exercidas pela família e pela sociedade, investigando sua relação com a violência. Fundamenta-se na Teoria Crítica de Horkheimer e Adorno e na psicanálise freudiana, incluindo também as contribuições de Herbert Marcuse. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica e análise da obra "Lavoura Arcaica", de Raduan Nassar, como campo privilegiado para compreender as contradições entre subjetividade, cultura e autoridade. A narrativa do protagonista André permitiu observar como o patriarcalismo e a rigidez moral reproduzem, no âmbito familiar, as formas sociais de dominação e violência simbólica. Os resultados apontam que a violência, no tempo do romance de Nassar (publicado em 1975), é expressão de um processo formativo mediado por relações hierárquicas e autoritárias, cujas raízes se estendem da estrutura familiar às instituições sociais, oferecendo subsídios para compreender a violência na sociedade em suas diferentes formas.*

Palavras-chave: *Formação do indivíduo. Teoria crítica. Violência. Psicanálise.*

Resumo: *This study analyzes the formation of the individual through the mediations exercised by family and society, investigating its relationship with violence. It is grounded in the Critical Theory of Horkheimer and Adorno and in Freudian psychoanalysis, also incorporating the contributions of Herbert Marcuse. The methodology consisted of bibliographical research and the analysis of Raduan Nassar's novel Lavoura Arcaica as a privileged field for understanding the contradictions between subjectivity, culture, and authority. The narrative of the protagonist, André, revealed how patriarchy and moral rigidity reproduce, within the family sphere, the social forms of domination and symbolic violence. The results indicate that violence, in the time of Nassar's novel (published in 1975), expresses a formative process mediated by hierarchical and authoritarian relations, whose roots extend from the family structure to social institutions, offering insights for understanding violence in its different social forms.*

Palavras-chave: *Individual formation. Critical theory. Violence. Psychoanalysis.*

Introdução

O ponto de partida deste estudo é a compreensão de que as formas de violência presentes nos espaços sociais e escolares não podem ser atribuídas unicamente à educação doméstica, mas devem ser compreendidas como expressões de um processo formativo mais amplo, sustentado por relações sociais violentas, autoritárias e hierárquicas (Crochík, 2012). Nesse sentido, a família, embora constitua o primeiro ambiente de socialização da criança, não detém exclusividade sobre a formação moral e afetiva, pois ela própria está imersa em um campo social que a atravessa e a constitui.

Para investigar as dinâmicas civilizatórias e seus efeitos sobre a subjetividade, recorre-se aqui a *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930), obra na qual o autor analisa os mecanismos pelos quais a cultura reprime as pulsões e produz sofrimento. Freud destaca que a busca pela felicidade, enquanto tentativa de conciliar o princípio do prazer com as exigências da vida em sociedade, está condenada ao fracasso parcial, uma vez que a civilização se sustenta sobre a renúncia e o controle das pulsões. Assim, o mal-estar é o preço da vida em comum nesta sociedade, e o supereu, instância psíquica moldada pela internalização da autoridade paterna e da cultura, é o meio pelo qual o sujeito participa dessa repressão (Freud, 1923, 1930).

A concepção freudiana da cultura como espaço de sublimação e repressão foi retomada e radicalizada por Horkheimer e Adorno (1973), que situaram a família como mediadora privilegiada entre o indivíduo e a sociedade. Para os autores, a estrutura familiar moderna, moldada pelas exigências do trabalho e da racionalidade capitalista, converte-se em aparelho de adaptação social. Através da autoridade paterna, a criança aprende a respeitar e a amar, internalizando um modelo burguês de obediência e submissão. Desse modo, a família torna-se um microcosmo da sociedade autoritária e perde gradualmente sua função de espaço afetivo, transformando-se em veículo de reprodução da ideologia dominante. Tal processo, como advertem Horkheimer e Adorno (1973, p. 144), conduz à decadência histórica da família e à predisposição subjetiva ao autoritarismo.

Herbert Marcuse (1998), em diálogo crítico com Freud, aponta que, nas sociedades industriais avançadas, a internalização da autoridade não se limita mais ao âmbito familiar. A própria sociedade assume as funções repressivas outrora exercidas pelo pai, dissolvendo a diferença entre o “dentro” e o “fora” do lar. Nesse contexto, o supereu deixa de ser formado apenas pela figura paterna e passa a incorporar os imperativos coletivos da racionalidade tecnológica e da produtividade. O resultado é um eu fragilizado, conformado às necessidades do sistema e desprovido da negatividade que poderia gerar resistência (Marcuse, 1998, pp. 99-100). Tal como observaram Horkheimer e Adorno, o enfraquecimento da autoridade doméstica não elimina o autoritarismo, mas o desloca para esferas mais amplas da vida social.

Essas reflexões permitem compreender a violência como expressão de um processo civilizatório contraditório, no qual a repressão das pulsões e a naturalização da hierarquia são legitimadas em nome da ordem e da moralidade. A família, nesse quadro, é simultaneamente vítima e agente da violência social: lugar de transmissão de valores autoritários e de internalização das forças repressivas da cultura.

A literatura, ao tensionar os limites do discurso racional, revela de modo privilegiado essas contradições. Como observa Mandil (2005), a obra literária antecipa e dramatiza as descobertas da psicanálise, pois nela se inscreve um saber sobre o inconsciente que ultrapassa a intenção dos autores. *Lavoura arcaica* (Nassar, 1999) oferece um campo fecundo para essa interlocução: a narrativa de André, marcada pela tensão entre o desejo e a autoridade paterna, evidencia a permanência de estruturas patriarcais e a interiorização da violência como destino psíquico e social.

A crítica literária tem destacado o caráter poético e simbólico da prosa de Nassar. Segundo Braga (2015), Alfredo Bosi já havia notado que a escrita de Nassar se aproxima da “prosa-poética”, pela qual o lirismo e a linguagem metafórica traduzem o conflito entre o tempo da tradição e o tempo da subjetividade. Essa dimensão simbólica acentua o aspecto formativo e repressivo da família, ao mesmo tempo em que faz emergir a possibilidade de ruptura e desintegração. Na leitura de Abati (1999), a narrativa de André dramatiza o embate entre o sujeito e o patriarcado, em que a linguagem assume o papel de resistência à lei paterna.

Sob essa ótica, *Lavoura arcaica* pode ser compreendido, à luz de Freud, Horkheimer,

Adorno e Marcuse, como representação das forças civilizatórias que moldam o sujeito moderno. A figura do pai nassariano, impregnada de religiosidade e trabalho, simboliza a fusão entre moral e dominação social. O amor, nas palavras de André, converte-se em instrumento de controle, e a violência, física e simbólica, torna-se o modo de perpetuar a ordem familiar. Como sugere Ginzburg (2017), a literatura brasileira frequentemente utiliza a violência como campo de negatividade e como espelho de sua própria formação histórica. No caso de Nassar, essa violência emerge como herança melancólica da cultura patriarcal, revelando as feridas civilizatórias de um país fundado sobre a repressão e o sacrifício.

Mal-Estar e violência

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud apresenta um diagnóstico da condição humana marcado pela tensão entre pulsões e exigências da vida em sociedade. A vida civilizada, escreve o autor, “é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis” (Freud, 1930, pp. 19-20). Para suportá-la, o homem busca paliativos que lhe permitam dar sentido à existência e mitigar o sofrimento. A felicidade, nesse contexto, é entendida como “a ausência de dor e desprazer” e, ao mesmo tempo, “a vivência de fortes prazeres” (Freud, 1930, p. 21). Entretanto, essa felicidade é apenas episódica, pois o princípio do prazer se choca com o princípio da realidade que sustenta a ordem social.

O sofrimento, observa Freud, tem três fontes principais: o corpo próprio, o mundo exterior e as relações com os outros seres humanos, sendo esta última “a de maior força” (Freud, 1930, p. 21). Essas esferas da dor e da frustração não apenas moldam a experiência individual, mas constituem o próprio campo da civilização, que, para existir, precisa conter a agressividade inerente à natureza humana. Assim, a cultura impõe limites, interditos e normas, transformando parte da energia pulsional em trabalho, moral ou ideal. Essa transmutação, ainda que necessária à vida coletiva, produz o mal-estar, um sentimento de culpa e de insuficiência que recai sobre o sujeito, internalizado sob a forma do supereu.

Entre as instâncias de regulação social que canalizam essa agressividade, Freud destaca a religião como exemplo paradigmático de “delírio coletivo”, cuja função é “assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade” (Freud, 1930, pp. 25-26). A religião, ao impor igualmente a todos o mesmo caminho para o bem-estar, “rebaixa o valor da vida e deforma delirantemente a imagem do mundo real” (Freud, 1930, p. 28). Assim, as instituições sociais, religiosas, morais ou políticas, operam como mediadores do sofrimento, mas ao preço de uma repressão que se naturaliza como virtude.

Essa perspectiva permite compreender a família como um dos principais aparelhos de mediação entre o indivíduo e a cultura, espaço onde o sujeito aprende a conter e redirecionar sua agressividade. Crochik (2012, p. 223) enfatiza que é no seio familiar que se estabelecem as primeiras referências de autoridade e obediência, fundamentais para a formação da individualidade, mas também potencialmente geradoras de sofrimento e violência. A família, ao reproduzir os valores sociais e hierárquicos da cultura, torna-se, segundo Horkheimer e Adorno (1973), “socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima” (p. 133).

Para os autores da Teoria Crítica, a modernidade transforma a família em “agente da sociedade”, um espaço em que se aprende “a relação burguesa de autoridade” (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 139). A disciplina doméstica espelha a disciplina do trabalho e da vida pública, e o respeito ao pai antecipa o respeito às instituições. Essa correspondência, entretanto, gera ambiguidade: quanto mais a família se ajusta à sociedade, mais perde sua autonomia e seu potencial afetivo, convertendo-se em veículo de adaptação. Quando a autoridade paterna se enfraquece no lar, a busca por figuras de autoridade desloca-se para o exterior, o Estado, a nação, o líder, reproduzindo, em escala ampliada, a submissão aprendida na infância (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 144).

Essa lógica do mal-estar civilizatório, que conjuga repressão, obediência e violência, atravessa o romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar (1999). Na narrativa, o pai assume a posição de guardião da lei e do verbo, repetindo a lógica freudiana da cultura que se sustenta sobre a interdição e o sacrifício. O amor familiar, em seu discurso, é indissociável da obediência e do

trabalho, e a desobediência é punida como transgressão à ordem divina. André, o narrador, sente o peso dessa estrutura repressiva: “Tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele [...] que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo” (Nassar, 1999, p. 21). A verdade, aqui, aparece como princípio normativo e disciplinar, não como experiência de liberdade.

Essa dimensão patriarcal do lar nassariano exemplifica o que Freud (1930) descreve como o paradoxo civilizatório: a promessa de bem-estar fundada na renúncia. O pai de André, como o supereu cultural, encarna a lei que contém e legitima a repressão; sua palavra é simultaneamente religiosa, moral e produtiva. No entanto, tal repressão, internalizada pelos filhos, converte-se em ressentimento e culpa, sintomas do mal-estar que corroem o núcleo familiar e preparam o terreno para a violência final da narrativa.

Ginzburg (2017) observa que a literatura brasileira frequentemente representa a violência não como desvio, mas como constitutiva de nossa formação cultural. Em *Lavoura arcaica*, a palavra do pai é o instrumento dessa violência simbólica, que mascara a repressão sob o signo do amor e da tradição. A estrutura familiar patriarcal, ao pretender garantir o equilíbrio e a pureza moral, torna-se campo de sacrifício, repetindo o mecanismo civilizatório que Freud descreve: a renúncia pulsional como preço da cultura. Nesse sentido, a religiosidade e o moralismo da família Nassariana podem ser lidos como expressão literária daquilo que Freud denominou “delírio coletivo”, um ideal de pureza que exige a supressão do desejo e culmina, paradoxalmente, na destruição.

Ao unir o pensamento freudiano à crítica social de Horkheimer e Adorno, e à leitura literária de Nassar, percebe-se que a violência não é um acidente isolado, mas o produto lógico de um modelo de civilização patriarcal e hierárquico. Como sugere Abati (1999), a obra de Nassar revela o conflito entre o desejo e a ordem simbólica do pai, expondo a fragilidade da tradição diante da pulsão. O mal-estar e a violência se fundem, configurando uma experiência em que o interdito, a culpa e o sacrifício sustentam a própria ideia de cultura.

Violência e formação do supereu

Compreender a violência nas relações humanas implica reconhecer sua origem no próprio processo de constituição psíquica do sujeito. Freud (1923), em *O Eu e o Id*, descreve a formação do supereu como o resultado da internalização das figuras parentais, sobretudo do pai, cuja autoridade moral se converte em instância psíquica reguladora da conduta. O supereu, assim, é herdeiro direto do complexo de Édipo, instaurando no sujeito o interdito e a culpa. Escreve Freud: “Como os pais, em especial o pai, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si” (Freud, 1923, p. 31).

Esse processo de incorporação da autoridade paterna não é apenas individual, mas também cultural. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930) afirma que o supereu coletivo de uma época se forma a partir das impressões deixadas por figuras de poder e liderança, “grandes personalidades-líderes, homens de avassaladora energia espiritual” (Freud, 1930, p. 75). A estrutura psíquica do sujeito, portanto, espelha a estrutura social: ambos se organizam sob a lógica da autoridade e da repressão.

Horkheimer e Adorno (1973) retomam essa formulação freudiana para demonstrar que a internalização da autoridade paterna é o fundamento psicológico do autoritarismo moderno. A família, como espaço de formação moral, “depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, e está socialmente mediatizada, mesmo em sua estrutura mais íntima” (p. 133). Quando a criança aprende a respeitar o pai como representante da lei, aprende, simultaneamente, a submeter-se ao poder externo. O declínio da família, nesse sentido, não significa o fim da dominação, mas sua disseminação na cultura: “O filho apenas obtém a ideia abstrata de um poder e de uma força arbitrários e incondicionados; e procura então um pai mais forte, mais poderoso [...] um super-homem e super-pai como os que foram produzidos pelas ideologias totalitárias” (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 144).

Herbert Marcuse (1998), ao revisitar a teoria freudiana, propõe uma análise importante:

na sociedade industrial avançada, a formação do supereu não se limita mais à esfera familiar. A autoridade, agora difusa, é exercida por todo o aparato social, pelo trabalho, pela técnica, pela cultura de massa. A repressão se torna “administrada”, e o sujeito é modelado para tomar as necessidades do sistema como suas próprias. “O membro dessa sociedade não apreende nem avalia tudo isso a partir de si mesmo [...] mas através de todos os outros e em termos de um ideal do ego exteriorizado, que lhes é comum” (Marcuse, 1998, pp. 99-100). O eu se torna reflexo de um coletivo conformista, destituído da negatividade necessária à autonomia, enquanto a família perde a antiga função de promover embates em seu interior, entre o desejo e a lei, que poderiam levar à autonomia e à singularidade de seus membros.

Essa leitura crítica de Marcuse, ao lado das reflexões de Horkheimer e Adorno, permite compreender como a formação psíquica dos sujeitos contemporâneos é atravessada por uma autoridade que, embora deslocada da figura paterna concreta, mantém um princípio de dominação. O supereu, nesse quadro, é o depositário das normas sociais e morais que perpetuam a repressão e o sofrimento.

No romance *Lavoura arcaica* (Nassar, 1999), esse mecanismo psíquico encontra expressão literária exemplar. O pai de André representa a lei internalizada: sua voz é a da moral e da religião, ecoando como imperativo no inconsciente do filho. Mesmo afastado do lar, André carrega dentro de si o peso da autoridade paterna, que ressurge nas recordações e nos monólogos interiores: “O mundo pra mim já estava desvestido [...] ‘é o meu delírio, Pedro’, eu disse numa onda morna” (Nassar, 1999, p. 23). O delírio é, aqui, tentativa de fuga ao domínio do supereu, uma busca pela libertação das amarras morais que o sufocam, tentativa que fracassa, pois a voz do pai o persegue como consciência culpada.

A violência do pai, portanto, não é apenas física, mas psíquica e simbólica: a palavra paterna é lei e ferida. A família nassariana ilustra o processo pelo qual o supereu cultural se infiltra no indivíduo, transformando o amor em instrumento de dominação. O próprio André reconhece essa ambiguidade: “O amor que aprendemos aqui, pai [...] não sabe o que quer; essa indecisão fez dele um valor ambíguo [...] o amor também desune” (Nassar, 1999, p. 83). A repressão se disfarça de cuidado, e o vínculo afetivo se converte em cadeia moral.

A leitura de Abati (1999) destaca que essa relação entre linguagem e poder, tão central em *Lavoura arcaica*, constitui uma metáfora do autoritarismo social. O discurso paterno, ao pretender ser absoluto, elimina a alteridade, e é nessa supressão da diferença que se instala a violência. Já Braga (2015) observa que o lirismo de Nassar dá à prosa uma densidade simbólica capaz de transpor a fronteira entre o psicológico e o social, revelando a interiorização da ordem patriarcal como destino civilizatório.

Freud, Horkheimer, Adorno e Marcuse convergem, portanto, na compreensão de que a violência não é um acidente da história, mas um produto da própria estrutura formativa do sujeito. O supereu, moldado pela repressão e pela culpa, é o espelho psíquico do autoritarismo social. Na obra de Nassar, essa estrutura é dramatizada até o limite: o patriarca, figura da lei e da tradição, mata a filha, gesto que simboliza a culminância da lógica repressiva que funda a civilização.

Ginzburg (2017) interpreta esse tipo de representação como traço recorrente da literatura brasileira, em que a morte feminina opera como sacrifício necessário à constituição da narrativa masculina. A violência, nesse contexto, é o preço simbólico da cultura. Em *Lavoura arcaica*, a morte de Ana é o sacrifício pelo qual o patriarcado reafirma sua autoridade, e o próprio narrador, prisioneiro da voz do pai, perpetua o silenciamento da mulher ao narrar sua história sem jamais lhe conceder palavra.

A formação do supereu, portanto, culmina em uma dialética trágica: o que deveria garantir a coesão social torna-se fonte de destruição. A violência familiar em Nassar, quando lida à luz da psicanálise e da teoria crítica, revela-se como a expressão literária do mal-estar civilizatório, o ponto em que o amor se confunde com o castigo, e a moralidade, com o poder.

Lavoura Arcaica e a violência no âmago familiar

Lavoura arcaica é um dos textos literários mais contundentes sobre o entrelaçamento entre

subjetividade e cultura no contexto brasileiro. Seu enredo, centrado no retorno de André ao lar, é menos uma narrativa de acontecimentos do que um mergulho psíquico na tensão entre desejo e lei, eros e repressão, voz e silêncio. A história da família patriarcal apresentada por Nassar condensa, de forma poética e trágica, os dilemas apontados por Freud, Horkheimer, Adorno e Marcuse: a interiorização da autoridade, o mal-estar na civilização e a violência como fundamento da ordem moral.

A estrutura narrativa em primeira pessoa reforça esse caráter introspectivo e confessional. André narra seu exílio e regresso, mas o faz num tom de rememoração febril, no qual a palavra se torna campo de conflito entre memória e desejo. Essa forma de narrar aproxima-se, como observa Benjamin (1994), da figura do narrador que transmite experiência, *Erfahrung*, mas em Nassar essa experiência é fragmentada e marcada pela culpa. O narrador não apenas recorda, mas revive, pela linguagem, o peso da lei interiorizada.

A linguagem de Nassar, lírica e densa, carrega uma cadência ritualística, o que não suaviza o conteúdo violento, mas o intensifica: a palavra, que poderia libertar, torna-se o instrumento da dominação, ecoando o verbo paterno que organiza o mundo e a vida dos filhos. Assim, o estilo literário reproduz, no plano formal, a estrutura simbólica da autoridade.

André vive sob o peso dessa palavra. Desde a infância, a voz do pai é lei e doutrina: “Tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai [...] era essa a pedra em que tropeçávamos quando crianças” (Nassar, 1999, p. 21). Esse fragmento revela a marca freudiana da interdição: o pai é a instância do supereu, que define o que é permitido e o que é pecado. O verbo paterno substitui o mundo, sua fala é ordem, e sua casa, um microcosmo da cultura repressiva.

A repressão paterna se disfarça de amor. O pai apresenta seu rigor como forma de pureza moral e união familiar: “O amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera [...]” (Nassar, 1999, p. 12). No entanto, como observa Abati (1999), esse amor é atravessado por uma lógica de poder e obediência: o afeto é mediado pela culpa, e o trabalho, símbolo da tradição, é imposto como penitência. A família, nesse sentido, não é apenas uma instituição afetiva, mas o espaço de internalização da violência simbólica, expressão do que Horkheimer e Adorno chamam de “função socialmente mediada da família”.

O embate entre André e o pai traduz a dialética entre pulsão e cultura descrita por Freud (1930): o filho busca libertar-se das proibições, mas a culpa o retém. Sua fuga é uma tentativa de romper com o supereu, de escapar ao mal-estar civilizatório. Contudo, ao narrar suas lembranças, ele repete os gestos do pai, fala como ele, julga como ele, organiza sua própria memória com a mesma rigidez da lei paterna. O delírio, que deveria libertar, torna-se confissão e penitência. André é o herdeiro da violência que tentou negar.

Essa tensão entre rebeldia e submissão se intensifica na cena final do romance, quando o pai, tomado pela cólera diante da dança sensual de Ana, mata a própria filha. A violência física que encerra a narrativa é o desfecho inevitável da violência simbólica que atravessa toda a obra. O gesto do pai não é apenas de fúria, mas de reafirmação do poder: a filha, ao exibir sua liberdade corporal, fere a estrutura patriarcal e põe em risco o equilíbrio moral da família. Como destacam Dos Santos, Silva e Pretti (2019, p. 15), a sexualidade de Ana representa “uma forma de mostrar-se livre”, e o assassinato é a punição simbólica por essa emancipação. A morte de Ana condensa o destino da cultura patriarcal: o sacrifício do feminino como fundamento da ordem.

Essa estrutura narrativa revela a permanência da violência como elemento constitutivo da cultura. O sacrifício de Ana é o preço da tradição, e sua morte é a reafirmação da lei do pai. André, embora rebelde, é também cúmplice: ao narrar a história apenas de seu ponto de vista, ele reproduz a hierarquia de vozes que domina o lar. Cordeiro (2016, p.57) ressalta que “Ana em nenhum momento nos fala de seu amor por André [...] porque ela absolutamente não fala”. A ausência da voz feminina é o prolongamento da autoridade patriarcal, e também o sintoma do mal-estar que estrutura a narrativa.

Nesse sentido, *Lavoura arcaica* dramatiza aquilo que Horkheimer e Adorno (1973) chamaram de “declínio da família”, não o desaparecimento da instituição, mas sua transformação em veículo da violência social. O pai, símbolo de um mundo arcaico e hierárquico, tenta sustentar uma ordem que já não encontra legitimidade. O resultado é a destruição de si mesmo e dos seus, reproduzindo o ciclo civilizatório da repressão que Freud identificou como inerente à esta cultura.

Ao colocar em cena o colapso do patriarcado, Nassar expõe o núcleo patológico da civilização. A família, supostamente guardiã da moral, é também seu cemitério; a palavra, que deveria transmitir sabedoria, é o instrumento da violência. A literatura, nesse ponto, assume a função que Ginzburg (2017, p. 38) atribui à arte: revelar a ética da sensibilidade, o modo como uma sociedade percebe e naturaliza a violência. Em Nassar, a violência é forma e conteúdo, linguagem e sintoma, não apenas o tema da narrativa, mas sua estrutura profunda.

Dessa forma, *Lavoura arcaica* não é apenas uma crítica à família patriarcal, mas uma meditação sobre o mal-estar civilizatório e o preço da cultura. André é o sujeito dividido entre o desejo e a lei, entre a memória e o delírio; o pai é o supereu encarnado; e Ana, a vítima sacrificial da moral que sustenta a ordem. O romance, ao revelar o entrelaçamento entre amor, culpa e violência, dá corpo literário às teses de Freud, Horkheimer, Adorno e Marcuse, e ilumina, como observa Abati (1999), a dimensão trágica de uma sociedade que se forma sobre o sofrimento e o silêncio.

Discussão

As análises empreendidas até aqui permitem compreender que *Lavoura arcaica*, ao narrar a história de uma família patriarcal, dramatiza o conflito entre pulsão e cultura, desejo e repressão, amor e violência, categorias centrais tanto na psicanálise freudiana quanto na teoria crítica da sociedade. A obra literária não se limita a representar o drama doméstico de André, mas revela, em sua estrutura e linguagem, o processo de formação subjetiva que sustenta a ordem social e suas hierarquias simbólicas.

A família, descrita por Horkheimer e Adorno (1973) como microcosmo da sociedade burguesa, aparece em Nassar como espaço de transmissão da violência simbólica. A obediência ao pai, as normas de conduta, a ritualização do trabalho e da religiosidade configuram o mesmo tipo de repressão civilizatória que Freud (1930) descreve como condição do mal-estar. O patriarca, ao impor sua lei sob a forma de amor, encarna a autoridade superegoica que interioriza a culpa e reprime o desejo. O lar, que deveria ser lugar de afeto, torna-se cenário de sacrifício.

Marcuse (1998) observa que, nas sociedades industriais avançadas, o supereu já não é formado apenas pela figura paterna, mas pela própria racionalidade social. Em *Lavoura arcaica*, essa racionalidade encontra seu símbolo na disciplina e no trabalho que organizam a vida familiar. O pai de André é menos um indivíduo do que um princípio: representa o sistema de valores que associa amor à renúncia, obediência à virtude e repressão à moralidade. O gesto final, o assassinato da filha, é o ápice dessa lógica: a eliminação do desejo em nome da pureza.

O ato violento do pai, como demonstram Dos Santos, Silva e Pretti (2019), é o desfecho simbólico de um longo processo de domesticação das paixões. A morte de Ana, provocada por sua exibição corporal e sensual, expressa o medo do feminino como força de ruptura. Ana é a figura do desejo e, portanto, do perigo. Sua destruição é o gesto que restaura a ordem e confirma a impotência do pai diante da própria decadência.

Como já exposto, a narrativa de André é marcada por uma assimetria fundamental: Ana não fala. O silêncio da irmã, mediado pela voz do narrador, reproduz a estrutura de poder que o texto pretende denunciar. A literatura, nesse caso, revela seu próprio impasse ético, a dificuldade de representar o feminino fora do olhar patriarcal. André, ainda que se perceba como desviante e oprimido, repete o gesto de dominação simbólica ao contar a história em seu nome. A ausência de voz de Ana é o espelho da ausência de lugar das mulheres na cultura patriarcal.

Essa perspectiva coincide com o diagnóstico de Ginzburg (2017) sobre a função estética da violência: mais do que simples ilustração do horror, ela revela a ética perceptiva de uma sociedade. “O modo como nossa percepção funciona no campo artístico está vinculado ao modo como organizamos nossos valores nas percepções cotidianas” (p. 38). Em Nassar, a linguagem poética, densa, circular, febril, não atenua a violência, mas a amplifica, revelando sua interiorização na sensibilidade. A estética do excesso, do ritmo e do verbo sacralizado traduz o próprio funcionamento do supereu: repetitivo, coercitivo e culpabilizador.

A leitura de Abati (1999) permite compreender que *Lavoura arcaica* ultrapassa a crítica moral e adentra o território simbólico da linguagem. O pai é, acima de tudo, a voz, o verbo que

ordena e hierarquiza. A transgressão de André é também linguística: sua fala, ao se desviar do discurso do pai, tenta instaurar uma outra verdade, mas sem jamais romper completamente com a gramática da dominação. A violência, nesse sentido, é constitutiva da linguagem: ela atravessa a palavra e organiza o discurso.

Braga (2015) acentua o caráter poético e imagético da narrativa nassariana, aproximando-a do “cinema de poesia” em que cada frase é imagem e cada imagem é verbo. Essa dimensão estética reforça o conflito entre o visível e o dizível: a palavra quer libertar, mas ainda carrega a sintaxe do poder. No plano simbólico, o romance encena a luta entre o desejo de emancipação e o retorno à lei, a mesma dialética que Freud e Marcuse identificaram como marca da civilização repressiva.

A violência, portanto, não se restringe ao ato do pai que mata a filha, mas perpassa toda a estrutura narrativa como uma gramática da cultura. A lei, o amor, o trabalho e a religião são formas civilizatórias de repressão que moldam o sujeito e o mantêm cativo. A literatura, ao dar forma a essa tensão, não apenas representa o mal-estar, mas o faz falar. Em Nassar, o inconsciente social da cultura brasileira, sua religiosidade moralista, sua herança patriarcal, sua tradição hierárquica encontram expressão estética.

A leitura crítica de *Lavoura arcaica* sob essa ótica permite afirmar que o romance de Nassar não é apenas um retrato de família, mas uma alegoria da civilização. A casa é o mundo; o pai, a lei; a violência, o destino. André encarna o sujeito moderno, dividido entre o desejo de liberdade e a necessidade de pertencer, enquanto Ana representa a alteridade sacrificada, o feminino, o corpo, o prazer, o indizível. A morte de Ana e o delírio de André não são apenas eventos narrativos, mas metáforas do fracasso civilizatório que Freud descreveu e que a teoria crítica denunciou: a promessa de cultura sustentada pelo sofrimento.

Dessa maneira, a violência em *Lavoura arcaica* adquire um duplo estatuto: social e simbólico. Social, porque expressa a permanência de estruturas patriarcais e hierárquicas que organizam a vida brasileira; simbólico, porque reflete o funcionamento psíquico de uma cultura fundada na repressão e na culpa. A literatura, ao traduzir esse duplo movimento, confirma o que Ginzburg (2017, p. 42) define como “campo da negatividade” da arte: o lugar onde o sofrimento se converte em forma, e a forma revela a patologia da civilização.

Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que a violência representada em *Lavoura arcaica* ultrapassa o âmbito individual e familiar, configurando-se como manifestação de um processo civilizatório fundado na repressão, na culpa e na hierarquia. À luz da psicanálise e da teoria crítica da sociedade, a narrativa de Raduan Nassar revela o entrelaçamento entre a estrutura psíquica do sujeito e a estrutura simbólica da cultura: ambas se erigem sobre a renúncia e a interiorização da autoridade.

Freud (1930) demonstrou que o mal-estar é inerente a esta civilização: o preço da vida em comum é a renúncia pulsional e o sofrimento que dela decorre. Essa renúncia se corporifica no supereu, instância psíquica que, internalizando a figura do pai, converte a obediência em culpa. Horkheimer e Adorno (1973) deslocaram esse diagnóstico para o campo social, ao mostrarem que a família é o veículo pelo qual a sociedade reproduz sua forma de dominação, transformando o lar em espaço de aprendizado da autoridade. Marcuse (1998), por sua vez, apontou que, na modernidade tardia, essa autoridade se torna difusa e anônima, infiltrando-se nas instituições e dissolvendo a distinção entre obediência moral e adaptação social.

No romance de Nassar (1999), essas dimensões psíquicas e sociais adquirem expressão estética. O pai é a figura do supereu cultural, cuja palavra é lei e cuja fé é repressão; André, o filho, encarna o sujeito dividido entre o desejo e a culpa; e Ana, a irmã silenciada, é o corpo sacrificial que sustenta a moralidade familiar. A família patriarcal descrita em *Lavoura arcaica* é, ao mesmo tempo, alegoria e síntese do processo civilizatório: um espaço de amor disciplinado, religiosidade autoritária e repressão travestida de virtude.

O gesto final do pai, o assassinato da filha, representa o limite dessa lógica. A violência que antes era simbólica e moral torna-se física e destrutiva. Essa passagem do discurso ao ato revela

a falência do supereu civilizatório: o amor, convertido em lei, degenera em punição. O que Freud denominou mal-estar da cultura manifesta-se, aqui, como colapso da própria ordem que pretendia conter a agressividade humana.

A literatura possui a potência de revelar a ética perceptiva de uma sociedade, o modo como ela sente e justifica a violência. Em Nassar, a linguagem poética, saturada de lirismo e religiosidade, funciona como espelho da repressão que denuncia: o verbo, ao mesmo tempo sagrado e violento, encena a ambiguidade de uma cultura que transforma o amor em mandamento e a obediência em virtude. O romance, portanto, não apenas representa a violência, mas a reinscreve como problema ético e estético, convertendo a narrativa familiar em alegoria da civilização.

A leitura de *Lavoura arcaica* permite, assim, pensar a literatura como campo de crítica social e psíquica. Ao articular o universo simbólico da família ao processo histórico da formação cultural, Nassar torna visível a continuidade entre a violência privada e a violência social. O patriarcalismo, longe de ser apenas herança doméstica, é um modelo de organização da vida coletiva que perpetua hierarquias e legitima a repressão.

Nesse sentido, o romance de Nassar, relido à luz de Freud, Horkheimer, Adorno e Marcuse, evidencia que o mal-estar civilizatório não é um fenômeno abstrato, mas uma experiência cotidiana inscrita nas relações de poder, na linguagem e nas formas de afeto. A família patriarcal é o teatro onde se encenam as contradições da cultura: o lugar em que o amor se confunde com o castigo e a lei com o desejo.

Por fim, se a literatura, conforme defende Abati (1999), possui a capacidade de “transcender o rigor científico e oferecer ao pensamento social novas formas de compreender o humano”, *Lavoura arcaica* cumpre essa função de modo exemplar. Sua força poética e simbólica ilumina as zonas obscuras da subjetividade e da cultura, permitindo pensar a violência não apenas como fato, mas como forma, como estrutura de sensibilidade e de memória.

Assim, ao propor um diálogo entre psicanálise, teoria crítica e literatura, este estudo procurou mostrar que a violência, o mal-estar e o patriarcalismo são dimensões inseparáveis do processo civilizatório brasileiro. A obra de Nassar, nesse contexto e a considerar também o momento em que foi publicado, em 1975, torna-se espelho e denúncia: revela o preço da cultura, o sacrifício da alteridade e a permanência da autoridade como fundamento da vida social. A leitura crítica de *Lavoura arcaica* é, portanto, também uma leitura de nós mesmos, das feridas históricas e simbólicas que ainda sustentam, sob o nome de civilização, a continuidade da violência.

Referências

ABATI, Hugo Marcelo Fuzeti **Da Lavoura arcaica: Fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar.** Dissertação de mestrado. Curso de Pós-Graduação em Letras. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política.** (Obras Escolhidas). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGA, Joyce Silva. *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, e *Lavourarcaica*, de Luiz Fernando Carvalho: interfaces poéticas na literatura e no cinema. **Anais do XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia.** Rio de Janeiro, 2014.

CORDEIRO, Leandra Postay. **A volta para casa: patriarcalismo e violência em Lavoura Arcaica**, de Raduan Nassar. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

CROCHÍK, José Leon. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. **Revista Psicologia Política**, v. 12, n. 24, p. 211-229, 2012.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. In: **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925).** Obras

Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 16 p. 9-64 [texto originalmente publicado em 1923].

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**, v.18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 9-89 [texto originalmente publicado em 1930].

GINZBURG, Jaime. **Literatura, Violência e Melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Temas básicos da sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

MANDIL, Ram. Literatura e psicanálise: modos de aproximação. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 12, p. 42-48, 2005.

MARCUSE, Herbert. A obsolescência da psicanálise. In: **Cultura e sociedade**. Volume II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. [texto publicado originalmente em 1975]

SANTOS, Estela Pereira; SILVA, Marisa Corrêa; PRETTI, Thays. A morte da personagem Ana em Lavoura Arcaica, romance de Raduan Nassar. **Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura**, v. 9, n. 1, p. 12-18, 2019.

Recebido em 15 de novembro de 2025

Aceito em 23 de fevereiro de 2026